

Apresentação - Edição especial da DHQ em português [en]

Luis Ferla <ferla_at_unifesp_dot_br>, Universidade Federal de São Paulo

Cecily Raynor <cecily_dot_raynor_at_mcgill_dot_ca>, Universidade McGill

Após as edições em espanhol e em francês, vem agora à luz a edição especial em português da Digital Humanities Quarterly. A iniciativa compõe um esforço diligente da Alliance of Digital Humanities Organisations (ADHO), entidade que publica a DHQ, para conferir maior diversidade e polifonia aos debates que envolvem as humanidades digitais, reconhecidamente centrados no mundo anglo-saxão (sobre isso, ver Gil, 2016, e O'Donnell et. al., 2016). No âmbito da mesma organização, as ações desenvolvidas pelo Global Outlook::Digital Humanities (GO::DH) têm como objetivo ostensivo “(...) ajudar a quebrar as barreiras que impedem a comunicação e a colaboração entre pesquisadores e estudantes das áreas de Artes Digitais, Humanidades e Patrimônio Cultural, em economias de alta, média e baixa renda.” Daí que se considere que “as perspectivas do Sul Global são vitais para moldar o futuro das humanidades digitais.”^[1] A premissa é a de que as humanidades digitais só podem realizar plenamente a identidade que gostam de assumir, qual seja, a da valorização do compartilhamento do conhecimento e da liberdade para produzi-lo e fazê-lo circular, se efetivamente questionarem as atuais geopolíticas do mundo acadêmico e científico que disciplinam as práticas das comunidades envolvidas.

No entanto, tudo o que envolve a quebra de hierarquias culturais é mais complexo do que faz supor o reconhecimento de boas vontades e belas ideias. As infraestruturas tecnológicas, por exemplo, não são fácil e prontamente transformadas para se conformarem melhor a concepções e mentalidades mais igualitárias e democráticas. As tensões resultantes dessas incompatibilidades podem ser produtivas, se colaboram para a transformação daquelas infraestruturas em direções emancipatórias, ou negativas, se constroem a viabilização das novidades. O recente adiamento pela NASA da primeira caminhada espacial composta apenas de mulheres da história, por conta da falta de trajes femininos de astronautas, é um exemplo anedótico e quase metafórico desse fenômeno.^[2] A explicação do ocorrido denuncia a defasagem entre a intenção igualitária e a infraestrutura tecnológica: “O design de trajes espaciais tem sido tendencioso em direção ao físico dos homens, devido a restrições tecnológicas e ao fato de a NASA ter preferido astronautas masculinos durante a maior parte de sua existência”.^[3] Na preparação da presente edição especial, também surgiram contratempos que ilustram a mesma questão de fundo. Em dezembro de 2018, o Open Journal Systems, iniciativa em si mesma meritória, pois viabiliza a edição e a circulação de revistas de acesso aberto, atualizou a sua plataforma para uma versão pretensamente mais moderna e funcional. No entanto, a partir da migração, a plataforma passou a não mais reconhecer os “caracteres especiais” da língua portuguesa, tais como aqueles que aparecem em “globalização” e “contradições”. Assim, os artigos, os pareceres e as correspondências entre os envolvidos tornaram-se quase ilegíveis. Muitos foram os afetados por esse problema, e um tópico sobre o tema foi aberto no fórum de discussões da OJS/PAK (https://forum.pak.sfu.ca/search?q=special%20characters, acessado em 8 de dezembro de 2019). De todo modo, o problema de codificação dos textos não teve solução até o momento, persistindo a dificuldade na leitura de idiomas que fazem uso de “caracteres especiais”, como o português. No ambiente das humanidades digitais, o tema não é novo já vem sendo abordado há algum tempo. Como afirmam Fiormonte et al (2015), “(...) decisões aparentemente ‘neutras’ e ‘técnicas’, como podem ser observadas em Unicode, TEI ou outras organizações, tendem a simplificar demais e a padronizar a complexa diversidade de idiomas e artefatos culturais”.^[4]

Por conta disso, e após muitas tentativas frustradas, decidiu-se prosseguir com o fluxo do trabalho da edição em um sistema paralelo, com base na troca de e-mails e no armazenamento dos arquivos em repositórios digitais, prescindindo da plataforma do OJS. Ao fim e ao cabo, a edição em português chega ao seu destino programado, ainda que com atraso, mas com todos os acentos e cedilhas a que tem direito.

O conjunto de textos da edição pode ser separado em dois grupos: três artigos têm o seu centro de gravidade na

1

2

3

4

discussão de projetos de pesquisa que se identificam com as humanidades digitais, a partir dos quais desenvolvem algumas reflexões mais gerais; e três outros analisam o que cerca e condiciona a pesquisa e o trabalho do humanista digital, abordando tanto questões teórico-metodológicas, como dominâncias temáticas e tendências institucionais. No primeiro grupo, chama a atenção que as três pesquisas apresentadas têm nas geotecnologias o seu principal suporte instrumental, nesse aspecto confirmando a percepção geral da valorização crescente da dimensão espacial em pesquisas nas humanidades [Bodenhamer et al. 2010]. Dois desses projetos se ocupam da história: Patrícia Ferreira Lopes faz uso de sistemas de informações geográficas (SIG) para estudar as redes de caminhos da Península Ibérica do século XVI, e Maria João Ferreira dos Santos reconstrói, por meio da mesma tecnologia, a história da conservação da natureza na Califórnia, cobrindo o período que vai de 1850 a 2010. Mesmo que oriundas das áreas da arquitetura e da biologia, respectivamente, Patrícia Lopes e Maria dos Santos acabam por corroborar a tese de que os SIGs têm a predileção entre os pesquisadores do passado que fazem uso de tecnologias [Gregory and Ell 2007]. Sarita Albagli, Hesley Py e Allan Yu Iwama compuseram o terceiro artigo dedicado a projeto com geotecnologias, nesse caso abordando uma experiência de intervenção social sobre o território. O projeto em tela discute o desenvolvimento de um “protótipo de plataforma de dados abertos geoespaciais [Plataforma LindaGeo], como parte de uma pesquisa-ação de ciência aberta realizada no município de Ubatuba, no litoral norte do Estado de São Paulo, Brasil”. Aqui também são reafirmadas algumas das principais identidades que costumam ser associadas às humanidades digitais, voltadas à ética da produção colaborativa e à livre circulação do conhecimento [Greenspan 2016] [Spiro 2012].

Já dentro do segundo bloco de artigos, Luís Corujo, Jorge Revez e Carlos Guardado da Silva se ocupam de um tema que tem sua importância ainda pouco reconhecida: a curadoria digital e seus custos. Os autores defendem não apenas uma maior diligência no planejamento da gestão de dados, mas também a disseminação de práticas mais transparentes e reprodutíveis, de forma a aumentar o acesso aos resultados da produção científica. Por sua vez, Cláudio José Silva Ribeiro, Suemi Higuchi e Luis Ferla buscam compor um panorama aproximado das humanidades digitais no Brasil, privilegiando, para isso, a experiência do I Congresso Internacional em Humanidades Digitais no Rio de Janeiro, em abril de 2018. Encerrando o dossiê, Maria Clara Paixão de Sousa traz uma reflexão acerca da ressignificação radical da escrita e da leitura no ambiente tecnologizado do tempo atual, o que, em sua perspectiva, altera “profundamente o trabalho tradicional nas humanidades” e instaura “uma nova conformação discursiva para o campo”.

Por fim, os editores gostariam de agradecer a todos que tornaram possível esse número especial da DHQ, a começar pelos próprios autores e autoras e pareceristas convidados, dos quais a capacidade intelectual, o conhecimento científico e a obstinada paciência foram imprescindíveis para haver algo aqui a ser introduzido. A Alex Gil, pelo convite inicial e pelo suporte desde então. E a Rhian Lewis e Kate Bundy, assistentes consecutivas de todo o processo, produtoras incansáveis de facilidades e destruidoras implacáveis de dificuldades, elas sim as verdadeiras “caracteres especiais” dessa edição.

Notes

[1] Tradução livre do original: “(...) aims to help break down barriers that hinder communication and collaboration among researchers and students of the Digital Arts, Humanities, and Cultural Heritage sectors in high, mid, and low-income economies” e “The perspectives of the Global South are vital for shaping the future of digital humanities” (em: <http://www.globaloutlookdh.org>, acessado em 6 de dezembro de 2019).

[2] A caminhada, inicialmente prevista para março, acabou realizada em outubro de 2019 (<https://www.nytimes.com/2019/10/05/science/NASA-female-spacewalk.html>, acessado em 6 de dezembro de 2019).

[3] Tradução livre do original: “Spacesuit design has long been biased toward men’s physiques, both due to technological constraints and the fact that NASA preferred male astronauts throughout most of its lifetime”. (em: <https://www.theverge.com/2019/10/21/20920790/nasa-first-all-female-spacewalk-christina-koch-jessica-meir-spacesuit-design-bias>, acessado em 12 de dezembro de 2019).

[4] Tradução livre do original: “(...) apparently ‘neutral’, ‘technical’ decisions, as can be observed in Unicode, TEI or other organisations, tend to oversimplify and standardise the complex diversity of languages and cultural artefacts” (em: https://www.academia.edu/20563469/The_Politics_of_code._How_digital_representations_and_languages_shape_culture, acessado em 6 de dezembro de 2019).

Works Cited

- Bodenhamer et al. 2010** BODENHAMER, David J; CORRIGAN, John; HARRIS, Trevor M. (Ed.). *The spatial humanities: GIS and the future of humanities scholarship*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.
- Fiormonte et al. 2015** FIORMONTE, Domenico; SCHMIDT, Desmond; SCHMIDT, Paolo; SORDI, Paolo. "The Politics of code. How digital representations and languages shape culture". *Proceedings of ISIS Summit Vienna 2015 — The Information Society at the Crossroads*, 2015.
- Gil 2016** GIL, Alex. "Interview with Ernesto Oroza; e Fiormonte, Domenico. Toward a Cultural Critique of Digital Humanities". In: GOLD, M.; KLEIN, L. (eds). *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2016.
- Greenspan 2016** GREENSPAN, Brian. "Are Digital Humanists Utopian?" In: GOLD, M.; KLEIN, L. (eds). *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. p. 393-409. 2016.
- Gregory and Ell 2007** GREGORY, Ian; ELL, Paul. *Historical GIS: Technologies, methodologies and scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- O'Donnell 2016** O'DONNELL, D. P.; et al. "Only Connect: The Globalization of the Digital Humanities". In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (eds). *A new companion to Digital Humanities*. Malden: Blackwell, 2016.
- Spiro 2012** SPIRO, Lisa. "'This is why we fight': defining the values of the digital humanities". In: Gold, Matthew K. (editor). *Debates in the Digital Humanities*. Minneapolis: University of Minnesota Press. p. 16-35. 2012.